

## A PESQUISA HISTÓRICA COMO NECESSIDADE NA ENFERMAGEM

*Maria Auxiliadora Trevizan\*●*  
*Isabel Amélia Costa Mendes\**

**RESUMO:** Entendendo a História como o veículo capaz de integrar os indivíduos na idéia de dinâmica social, capacitando-os para o entendimento da razão histórica dos acontecimentos; os autores fazem uma exposição sobre a necessidade de elaboração de estudos históricos na enfermagem brasileira e de evocação das fontes históricas com vistas à compreensão do processo dinâmico desta profissão. Ressalta possibilidades de revisão e de previsão através de estudos históricos, enfatizando a necessidade de qualificação de enfermeiros para a condução de pesquisa histórica na enfermagem.

Trataremos aqui da história significando os acontecimentos passados, fatos — história como conteúdo, e o estudo desses acontecimentos — história como explicação. A história vista sob o prisma dos acontecimentos passados está relacionada com a história do homem que vive numa sociedade em contínua transformação — “a série de acontecimentos que marcam o devir humano”<sup>14</sup>; tais acontecimentos são determinados pelos homens “dentro das condições reais que encontramos já estabelecidas, e não dentro das condições ideais que sonhamos”.<sup>2</sup> O estudo destes eventos históricos proporciona o conhecimento histórico que nos ajudará a compreender a nossa realidade. É através da construção histórica que se dá o conhecimento da realidade histórica — o historiador integra os fatos num corpo explicativo.

Ao fazer uma exposição sobre a necessidade de redescobrir nosso passado enquanto nós pesquisamos nosso futuro, NORMAN<sup>8</sup> retrata com clareza a situação da História da Enfermagem, estabelecendo um

---

\*Docentes do Departamento de Enfermagem Geral e Especializada da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo e Bolsistas do CNPq.

●● Relatora do trabalho no XXXV Congresso Brasileiro de Enfermagem, realizado em São Paulo, de 24 a 30 de setembro de 1983.

termo de comparação entre as visões passada e presente desta disciplina nas escolas de enfermagem dos Estados Unidos. Afirma que a História costumava ser um curso básico na educação de toda enfermeira americana, com o objetivo de traçar a herança da enfermagem e de ajudar a estudante a refletir sobre eventos ocorridos no passado da profissão, além de sugerir caminhos para a pesquisa histórica. No entanto, foi constatado que a história, com o decorrer do tempo, tornou-se um assunto perdido nos currículos. Este fato motivou enfermeiras americanas a pesquisarem sobre o assunto, principalmente a partir do início da década de 70. Já no Brasil, parece que o problema começa a contaminar um número cada vez maior de profissionais na década de 80. Notamos que pouco a pouco os profissionais ligados ao ensino vão se apercebendo da necessidade de maior ênfase à História da Enfermagem. Parece-nos que começa a despontar um consenso de que a enfermagem precisa de enfermeiros-pesquisadores que se ocupem especificamente da história da enfermagem, enquanto uma realidade concreta, situada no tempo e no espaço. A enfermagem precisa de profissionais interessados em construir uma história da nossa profissão de maneira a explicar o presente com base: no estudo do passado, em indagações e no estudo de problemas contemporâneos — uma história edificada sobre o estudo do passado da profissão em função do entendimento do seu presente. Segundo BORGES<sup>2</sup>, “o passado nos interessa, hoje, pela sua permanência no mundo atual”; -deste modo, o estudo do passado se embasa em indagações que nos interessam no presente para que se possa “avaliar a significação desse passado e sua relação conosco”.

Percebemos nos profissionais de enfermagem (tanto os enfermeiros de serviço como os de ensino) uma certa rejeição à idéia de se estudar o passado. Esta rejeição é transmitida para os alunos e é por isso que cada vez menos se enfatiza a importância e a necessidade de estudos históricos na nossa profissão. Por mais que se queira negar, ou rejeitar o passado, a história consiste no conhecimento do passado e é sobre este conhecimento que o historiador trabalha para reconstituí-lo, compreendê-lo e explicá-lo. A história tem por objetivo estudar as transformações sofridas pelas sociedades humanas — “a transformação é a essência da história e é através do tempo que se percebem as mudanças”<sup>2</sup>. Assim, o tempo é a dimensão de análise histórica. CROCE<sup>4</sup> entende que não é exclusivamente o fator *tempo* que confere valor aos eventos, mas o conteúdo histórico ou a idealização que eles possam possuir. O conceito de passado formulado por CROCE<sup>4</sup> inclui, além do fator temporal, o fator de captação da riqueza do ato histórico, ou

seja, existe um critério de *momento* que especifica e distingue os fatos históricos.

O processo histórico é contínuo no sentido de que os fatos históricos estão sempre em conexão com outros que os precederam; é inadmissível a eclosão de acontecimentos que sejam desvinculados de outros que os precederam.

Convém ter aqui presente a afirmação de SERRÃO<sup>14</sup>: “podemos assentar que o passado é tudo o que, na ordem temporal, se opõe ao presente em que vivemos, englobando o conjunto de fatos transcorridos que nos é possível evocar e trazer à lembrança. O passado é o mundo da história que o intenta conhecer por meio dos testemunhos, de fontes históricas, no sentido mais lato. Trata-se de um laboratório imenso, que abarca milênios de vida e uma riqueza múltipla de fatos, o que permite ao historiador dispor de um campo de investigação quase sem limites”.

Para compreender e explicar o passado, o historiador tem como ponto de partida o fato histórico. Um sociólogo – LEVY-BRUHL<sup>6</sup> analisou o fato histórico como forma de conhecimento apreendendo-o como um acontecimento ligado à vida das sociedades; para este estudioso, os fatos de natureza política, militar, física, fisiológica e psicológica são considerados fatos históricos uma vez que pela sua influência social repercutem no campo da história.

Para LIMA<sup>7</sup> o fato histórico é “fato único, irreversível, individualizado, não repeticional, localizável no tempo e no espaço”. De acordo com SERRÃO<sup>14</sup> o fato histórico: “1º) é diferente do fenómeno, porque este pode repetir-se de modo contínuo, sempre que o cientista o deseje. O fato histórico, pelo contrário, tem caráter único. Deuse. Não se voltará a produzir; 2º) tem uma localização no tempo e no espaço, por meio de dois marcos que definem o seu conteúdo: a *duração* e o *espaço* históricos; 3º) tem ressonância social. Uma vez que se produz em determinada sociedade, do seu interesse compartilham sempre um ou mais grupos de indivíduos. Daí o fato histórico ter necessidade de uma “presença” que o integre e valorize no ambiente social em que despontou. A difusão do fato ultrapassa o próprio suceder, sendo o futuro a conferir-lhe valor por intermédio dos que buscam a sua compreensão histórica”.

SCHAFF<sup>13</sup> esclarece que, para a definição do fato histórico não basta apenas contar que se trata de um fato ocorrido no passado, mas o que importa, sobretudo, é o contexto no qual ocorre o acontecimento, bem como as suas relações com uma certa totalidade. Acrescenta ainda como importante o “sistema de referência” em que está expresso o

acontecimento; é este sistema de referência que vai distinguir as peculiaridades do fato histórico. Portanto, a história não pode ser apenas uma descrição de um fato porque: 1º) “o historiador não pode escapar ao papel ativo que lhe pertence, como sujeito que conhece, na relação cognitiva que é o conhecimento histórico; e porque não pode evitar a introdução do fator subjetivo no conhecimento que é sempre *parcial, pàrtidário* na medida em que as perspectivas cognitivas do historiador são condicionadas pelas relações e pelos interesses sociais próprios da sua época e do seu meio”; 2º) “o fato histórico, categoria fundamental do postulado da história puramente descritiva, da *história historizante*, introduz no conhecimento o sistema complicado das incidências do fator subjetivo”.

Abordando sobre a questão da objetividade do conhecimento histórico SCHAFF<sup>13</sup> analisa os aspectos da ação do fator subjetivo neste conhecimento e deixa claro que o problema não se reduz apenas ao fato histórico e à sua seleção, uma vez que os historiadores não se detêm na sua descrição, mas avançam no sentido de explicá-lo e avaliá-lo. É exatamente no momento da interpretação dos fatos que começam a surgir as divergências entre os historiadores. Assim é que SCHAFF<sup>13</sup> alerta para o perigo real de deformação do conhecimento quando o fator subjetivo excede a esfera necessária do papel ativo do sujeito na relação cognitiva.

Convém ainda reter aqui a definição de SERRÃO<sup>14</sup> sobre o fato como ponte e a explicação como veículo. Para ele os fatos históricos, ou seja, o conteúdo da história, são definidos como “*ponte* que une o presente ao passado” e a explicação dos fatos, ou a construção histórica, é denominada pelo mesmo autor como “*veículo* que procura transmitir esse conhecimento”. SERRÃO<sup>14</sup> esclarece que a *ponte* assenta a realidade dos fatos e assim sendo “oferece-nos uma visão de base estática para aceitar a existência real do passado”. Já a história tomada no sentido de *veículo* representa a apreensão e a consciência do mundo histórico, de tal forma que permite a integração do indivíduo “na idéia de dinâmica social para compreender a razão histórica dos acontecimentos”. Também para SCHAFF<sup>13</sup> a ciência da história se compõe não somente de operações descritivas mas também de operações explicativas, de compreensão e de avaliação, as quais servem de veículo ao fator subjetivo no conhecimento histórico.

POLIT & HUNGLER<sup>11</sup>, ao discorrerem sobre a metodologia histórica mostram que os passos envolvidos na execução de uma pesqui-

sa histórica são semelhantes a outros tipos de metodologia de pesquisa científica — a diferença reside em que na pesquisa histórica os dados são eventos, fatos, situações ou declarações do passado.

Em síntese, o conhecimento da história ocorre acerca do passado do homem vivendo em grupo, tornando possível explicar a sua evolução no tempo, do passado ao presente, com o objetivo de fazer previsão sobre o fato estudado. A história faz-se no tempo e no espaço, a sua reconstituição deve mostrar como se deu a evolução social e permitir prever possíveis acontecimentos, significando também sentido do futuro.

CHRISTY<sup>3</sup> relata que as enfermeiras que ela tem observado geralmente não consideram como pesquisa a área de pesquisa histórica; atribui duas causas para esta atitude: 1º) as enfermeiras são orientadas para ação e tendem a se concentrar sobre pesquisa empírica ou experimental que lhes fornecem respostas imediatas para os seus problemas e 2º) as enfermeiras tendem a pensar do estudo histórico mais como indagação do que como pesquisa.

Este artigo foi escrito com a finalidade de mostrar a necessidade de que um grupo de enfermeiras seja encorajado a se preparar para se dedicar ao estudo da história da profissão, tanto para fins de ensino como para fins de pesquisa. Estamos enfatizando a pesquisa histórica como uma necessidade na enfermagem, como uma das alternativas para acelerar o seu desenvolvimento. Não tencionamos aqui transmitir a visão historicista, dos que consideram a história não só como condição necessária, mas também como condição suficiente para se entender qualquer evento. Muito pelo contrário. Concordamos com PEREIRA<sup>10</sup> quando nega a história como condição suficiente, embora a aceite como uma necessidade.

Nosso ponto de vista sobre a pesquisa histórica como necessidade na enfermagem encontra apoio em NOTTER<sup>9</sup>, para quem uma das razões que tem retardado uma valorização maior da história e da pesquisa histórica na enfermagem é o fato de que a contribuição da história da profissão está sendo raramente enfatizada nos programas educativos. GORTNER<sup>5</sup> aponta as dificuldades encontradas pelo corpo docente das escolas de enfermagem americanas na condução de pesquisa histórica; dentre elas destacamos uma que, ao nosso ver, se reveste de importância fundamental em relação às outras por ela apontadas: a maioria das escolas não tem curso de história da enfermagem — isto logicamente dificulta ou impede que os docentes conciliem as atividades de ensino com as de pesquisa. Entendemos que esta situação ficará inalterada enquanto não dispusermos de profissionais que ensinem história e que consequen-

temente pesquisem nesta área. Estamos também em sintonia com sugestão de NORMAN<sup>8</sup> de que os recursos humanos e materiais disponíveis nos cursos de pós-graduação a nível de mestrado e doutorado sejam aproveitados com vistas à qualificação de profissionais de enfermagem na área em questão. A autora, tendo por base o número crescente de enfermeiros com nível de pós-graduação, espera que os estudantes que possuam um certo nível de conhecimento de história, de metodologia de pesquisa e de humanidades sejam capazes de produzir trabalhos na linha de inquirição histórica. A concretização desta esperança de NORMAN<sup>8</sup> ficará na dependência de eles virem a valorizar o estudo do passado da enfermagem.

Desta valorização crescente haverá um índice maior de profissionais reescrevendo a história da enfermagem. Vale a pena ler em SCHAFF<sup>13</sup> o capítulo dedicado à explicação do por que reescrevemos continuamente a história, onde o autor discorre sobre a reinterpretação da história em função das necessidades variáveis do presente e em função dos efeitos dos acontecimentos do passado emergindo no presente. Não poderíamos deixar de citar ainda a obra de POPPER<sup>12</sup>: "A Miséria do Historicismo" como uma consulta necessária àqueles que vão se fixar na linha histórica. Mesmo vinculado ao neopositivismo, POPPER<sup>12</sup> considera a reinterpretação da história como uma obrigação que cada geração deve cumprir diante das novas necessidades que vão emergindo.

E para finalizar, queremos acrescentar que é preciso que haja na enfermagem grupos de trabalho interessados na história não apenas como *ponte*, mas também como *veículo* (no sentido indicado por SERRÃO<sup>14</sup>), à exemplo de alguns autores nacionais, como ALMEIDA et alii<sup>1</sup> e SILVA et alii<sup>15</sup>, dentre outros.

*Em nossos dias, já ninguém duvida de que a história do mundo deve ser reescrita de tempos em tempos. Esta necessidade não decorre, contudo, da descoberta de numerosos fatos até então desconhecidos, mas do nascimento de opiniões novas, do fato de que o companheiro do tempo que corre para a foz chega a pontos de vista de onde pode deitar um olhar novo sobre o passado. . .*

GOETHE

**SUMMARY:** Viewing History as a vehicle capable of integrating individuals into the concept of social dynamics, thus enabling them to understand the historical reason of events, the authors discuss the need to elaborate historical studies in Brazilian nursing and to evoke historical sources for the understanding of the dynamic process of the profession. The possibilities of revision and prevision through historical studies are pointed out, and the need for proper qualification of nurses involved in historical research on nursing is emphasized.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALMEIDA, M.C.P. et alii. *Contribuição ao estudo da prática da Enfermagem – Brasil*. 1980. mimeogr.
2. BORGES, V.P. *O que é história*. 2.ed. São Paulo, Editora Brasiliense, 1981.
3. CHRISTY, T.E. The methodology of historical research: a brief introduction. *Nursing Research*, New York, **24**(3):189-92, may/jun. 1975.
4. CROCE, B. *Teoria e storia della storiografia*. 2.ed. Bari, 1927. apud SERRÃO, J.V. *História e conhecimento histórico*. Lisboa, Editorial Verbo, 1968.
5. GORTNER, S.R. *Trends and historical perspective: issues in nursing research*. New York, Appleton, Century-Crofts, 1979.
6. LÉVY-BRUHL. Qu'es-ce que le fait historique? *Revue de Synthèse Historique*, 42:53-59, 1926. apud SERRÃO, J.V. *História e conhecimento histórico*. Lisboa, Editorial Verbo, 1968.
7. LIMA, Silvio. *O determinismo, o acaso e a previsão em história*. 3.ed. 1957. p.168. apud SERRÃO, J.V. *História e conhecimento histórico*. Lisboa, Editorial Verbo, 1968.
8. NORMAN, E.M. Who and where are nursing's historians? *Nursing Forum*, Hillsdale, **20**(2): 138-52, 1981.
9. NOTTER, L.E. The case for historical research in Nursing. *Nursing Research*, New York, **21**(6): 483, jun. 1972.
10. PEREIRA, O.P. Contra o historicismo em teoria da ciência. *Revista de História*, São Paulo, (100): 483-514, 1974.
11. POLIT, D.F. & HUNGLER, B.P. *Nursing research: principles and methods*, Philadelphia, J.B. Lippincott, 1978.
12. POPPER, K.R. *A miséria do historicismo*. São Paulo, Cultrix/EDUSP, 1980.

13. SCHAFF, A. *História e verdade*. São Paulo, Martins Fontes, 1978.
14. SERRÃO, J.V. *História e conhecimento histórico*. Lisboa, Editorial Verbo, 1968.
15. SILVA, G.B. et alii. *Introdução à análise das transformações na prática de Enfermagem no Brasil, no período 1920-1978*. mimeogr. 1980.

Endereço do Autor: Maria Auxiliadora Trevisan  
Author's Address: Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto – USP  
14.100 – RIBEIRÃO PRETO  
(SP)